

## Jorge de Sena e o exílio literário espanhol<sup>1</sup> Jorge de Sena and the Spanish literary exile

INÊS ESPADA VIEIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** Partindo do conceito de exílio, neste ensaio apresentamos Jorge de Sena hispanista. Crítico e tradutor que conhecia a fundo os autores espanhóis e a cultura espanhola, manteve também contactos epistolares e pessoais com vários intelectuais espanhóis, nomeadamente nos Estados Unidos.

**Palavras-chaves:** Intelectuais; exílio espanhol; memória; Jorge de Sena.

**Abstract:** Starting from the concept of exile, in this essay we explore Jorge de Sena as an hispanist. Critic and translator, he had a deep knowledge of Spanish authors and Spanish culture, maintaining regular contact with members of the Spanish intelligentsia in particular in the USA, both at personal level and via letter exchanges.

**Keywords:** Intellectuals; Spanish exile; memory; Jorge de Sena.

---

<sup>1</sup> O presente texto é a tradução para a língua portuguesa do ensaio publicado originalmente em espanhol: «Jorge de Sena y el exilio literario español», de Inês Espada Vieira. Todas as traduções, incluindo as citações, são da responsabilidade da autora.

<sup>2</sup> Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Universidade Católica Portuguesa.

[...] os poetas e escritores exilados conferem dignidade a uma condição criada para negar dignidade.

(E.W. Said)

[...] ninguém tem mais pátria que aquele que a perdeu e a vive como perdida.

(E. Lourenço)

[...] nem a poesia, nem a filosofia, nem a literatura, nem coisa alguma do espírito é na realidade alguma coisa, se não as anima um irreprimível humanismo, uma íntegra franqueza, um amor, sem limites e sem compromissos, à dignidade humana.

(J. de Sena)

Como tantos temas ao mesmo tempo externos e intrínsecos à literatura, o exílio constitui-se como motivo da cultura moderna (cf. Said, 2000: 173), e o exílio espanhol é parte da memória cultural não só de Espanha, como também do mundo ocidental contemporâneo. Refiro-me explicitamente à memória cultural, mais do que à memória histórica, tão polémica nesta Espanha do século XXI. A memória cultural comporta em si algo de sagrado; o que lhe importa não são os factos da história, mas a história que se recorda. Jan Assman diz até que na memória cultural a história factual se transforma em recordação e em mito (cf. 2007: 52).

A memória do exílio literário espanhol é hoje uma memória cultural nesse sentido de sa-

grado e de mito. Este facto não lhe retira a inseparável dimensão histórica que sempre é a sua. Por mais «filosofia» que apliquemos, não é possível fugir da espantosa verdade de que fala Said: «o exílio é irremediavelmente secular e insuportavelmente histórico» (2000: 174).

As reflexões de Edward W. Said sobre o exílio tratam desta dupla faceta: por uma parte, a sedução do exílio como tema literário e histórico, pleno de heróis, de episódios épicos e gloriosos. A literatura transforma o exílio num *topos da* experiência humana, uma espécie de variedade *benigna* da terrível condição de «perda terminal» que é a do exílio (2000: 173). Esta é a outra face da moeda,<sup>3</sup> o lado escuro e concreto do sofrimento dos que, em solitário, se afastaram (ou melhor, foram afastados) das suas raízes, da origem.

Na sua perspetiva historicamente situada, o exílio tem causas comuns ao grupo, porém, embora vivido em coletivo, o exílio é sempre primeiramente uma experiência solitária, um lugar em que cada um se encontra só,

==

<sup>3</sup> Estas duas faces podem observar-se no exemplo da capital francesa como lugar de exilados: «Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos» (Said, 2000: 176). Esta reflexão relaciona-se também com a necessária análise do que são os movimentos de deslocação de massas antes de olhar para a história particular de cada exilado: «é preciso mapear territórios de experiência que se situam para além daqueles cartografados pela própria literatura do exílio. Deve-se deixar de lado Joyce e Nabokov e pensar nas incontáveis massas para as quais foram criadas as agências da ONU» (Said, 2000: 175).

com a sua história, as suas razões, o seu destino. Os textos de exílio são expressão dessa singular condição, das suas angústias, das suas descobertas, das suas conquistas, enfim, de uma individual história de sobrevivência.<sup>4</sup>

Portugal e Espanha, tantos séculos companheiros da aventura da convivência peninsular, viveram lado a lado a *longa noite* das ditaduras, mas com uma história particular.

O regime de Franco (1939-1975) definiu-se logo durante os anos da Guerra Civil (1936-1939), esse «acontecimento avassalador e cruel» (Gullón, 1969: 162), o inexorável catalisador que decidiu a marcha para o estrangeiro de tantos cidadãos espanhóis.

Ao contrário, em Portugal, o período ditatorial que ficou conhecido como Estado Novo iniciou-se com um «simples» golpe de Estado militar, mas tardou alguns anos em institucionalizar-se como tal.<sup>5</sup> Salazar (Vimieiro, 1889-Lisboa, 1970) surgiu como o homem

---

<sup>4</sup> No ensaio «Reflexões sobre o exílio», que vimos citando, Said distingue o poeta no exílio da sua poesia *de* exílio: «Ver um poeta no exílio – ao contrário de ler a poesia do exílio – é ver as antinomias do exílio encarnadas e suportadas com uma intensidade sem par» (p. 174).

<sup>5</sup> No dia 28 de maio de 1926, um golpe militar liderado pelo general Gomes da Costa derrubou o regime republicano, implantado a 5 de outubro de 1910. A Ditadura Militar durou de 1926 até 1933, data da ratificação da Constituição que marca a fundação do regime autoritário que ficará conhecido por Estado Novo. Depois de exercer funções de ministro das Finanças, Salazar assumiria o cargo de chefe de Governo (Presidente do Conselho de Ministros) em julho de 1932, função que exerceria até 1968.

austero, o sábio académico que chegava a Lisboa desde Coimbra, para pôr ordem no caos financeiro do país. Em consequência, a saída do país dos republicanos e outros opositores à ditadura militar fez-se paulatinamente.<sup>6</sup> As sucessivas saídas de exilados nesses anos iniciais da ditadura foram em número relativamente pequeno, se compararmos com o caso espanhol, e misturando pessoas de todas as origens profissionais (do âmbito militar, político, intelectual) e ideológicas<sup>7</sup> (republicanos, comunistas, anarquistas...). Houve intelectuais e escritores exilados, mas não um

---

<sup>6</sup> Veja-se, por exemplo, a tese de doutoramento de Ana Cristina Clímaco, *L'exil politique portugais en France et en Espagne: 1927-1940*. Nos anos da República espanhola, muitos dos exilados portugueses tiveram como destino Espanha, passando depois para França e alguns depois chegaram ao Brasil. Mais tarde, já durante os anos da Guerra Colonial (1961-1974: Angola, 1961; Guiné-Bissau, 1963; Moçambique, 1964), houve emigração em massa para fugir da fome, da pobreza extrema e da guerra. O exílio político e intelectual, por natureza, teve como destinos privilegiados o Brasil, a França, a Argélia ou a Alemanha. Foi em Bad Munstereifel, a 19 de abril de 1973, que um grupo de exilados políticos fundou o Partido Socialista, que resultava de uma reorganização da Acção Socialista Portuguesa, também fundada no exílio, neste caso em Genebra, em 1964.

<sup>7</sup> Sobre o exílio político português no Brasil, escreve Heloísa Paulo (2009) que, a partir de meados dos anos 1950, o republicanismo deixa de ser o principal elemento da oposição aí exilada, assumindo protagonismo os comunistas e os socialistas: «O seu significado como primeiro movimento de revolta contra a ditadura, juntamente com a não vinculação explícita a quaisquer outras ideologias políticas, fará do ideal republicano a grande bandeira defendida pela oposição até as vésperas da revolução de abril de 1974» (p. 141). No Brasil, teve importância fundamental como símbolo da resistência antissalazarista o periódico *Portugal Democrático*, publicado por intelectuais portugueses entre os anos 1956-1975. Sobre este assunto, veja-se, por exemplo, Douglas Mansur da Silva, *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro: 1956-1974*.

«exílio» literário português comparável ao caso espanhol em número e data.

No dia 7 de agosto de 1959, poucos meses antes de cumprir 40 anos, o poeta português Jorge de Sena (Lisboa, 1919-Santa Bárbara, Califórnia, 1978) inicia a sua longa rota de exilado, chegando ao Recife, Brasil. Antigo cadete da Marinha de Guerra, engenheiro civil de profissão, somado ao seu trabalho de funcionário na Junta Autónoma de Estradas, há vários anos que se dedica à crítica literária e à tradução. Desde 1936, também escreve profusamente, sobretudo poesia. Sena vive assediado pelo regime ditatorial (que não o deixa exercer livremente a sua verdadeira vocação de literato, mantendo-o confinado a um penoso ofício técnico e rejeitando a entrada no mundo académico) e pelas menos poéticas, todavia esmagadoras, necessidades de uma família numerosa.<sup>8</sup>

Depois dos anos no Brasil, onde iniciará uma brilhante carreira académica, mudar-se-á para os Estados Unidos, em 1965, para a Universidade de Wisconsin e, em 1970, instala-se definitivamente em Santa Bárbara, Califórnia, de cuja universidade será professor até à morte, em 1978.

Em 1977, Jorge de Sena diz ao jornal o *Adelanto* de Salamanca: «Há que ter em conta

---

<sup>8</sup> Quando saíram para o Brasil, Jorge e Mécia de Sena tinham já sete dos nove filhos do casal. A mulher e os filhos chegam ao Brasil a 17 de outubro do mesmo ano de 1959.

que em Portugal fomos muito poucos os que deixámos o país e escrevíamos no estrangeiro. A maioria ficou e não escrevia nada»<sup>9</sup> (p. 3). Comparando o caso português com o espanhol, Sena regista que essa «pode ser a diferença, ter havido uma guerra civil» (p. 3.). Posteriormente, reconhecerá que em Portugal não houve «a grande purga de uma diáspora de intelectuais» (1980: 17-18), mas sim uma diáspora «que só começou tarde e esporadicamente» (2008: 210). A diferença de Espanha – cuja diáspora, segundo Sena, contribuirá para fazer brilhar a cultura espanhola no estrangeiro – também está nessa ausência de escala do exílio português; se não tivesse sido assim, «teria ajudado a estabelecer em alguns lugares o prestígio da língua portuguesa e de Portugal» (2008: 210).

No ensaio «Jorge de Sena e o Portugal disperso», Jorge Fazenda Lourenço, o eminente crítico seniano, faz um curto mas intenso itinerário pelas ideias de emigração, de diáspora e de exílio em Sena. O poeta vive a situação particular de ser uma «identidade complexa», de ser ao mesmo tempo emigrante e exilado, «mesmo que a condição ontológica do exilado se sobreponha

---

<sup>9</sup> Também num texto sobre a condição de emigrante, Jorge de Sena (1980) reflete de forma crítica acerca da situação específica da diáspora dos intelectuais portugueses: «Ao contrário do povo que sempre emigrou, o intelectual português, mesmo que do povo tenha saído ou com o povo encha a boca, a prosa e a mentirolice política, não emigra – ele sabe que, se alguém se for embora, fica mais espaço para ele» (pp. 17-18).

a todas as outras.» (p. 326). Fazenda Lourenço (2009) chama a atenção para a diferença fundamental entre a diáspora do emigrante e a do exilado ou, em palavras do próprio Sena, entre a emigração «por cima», a do intelectual, e a daqueles que chegavam à *terra nova* «não sabendo de Portugal mais que os horizontes da sua aldeia» (pp. 337-338).

«A aldeia» de Sena era o mundo e os seus horizontes os séculos. O tempo e o espaço, Sena viu-os através da literatura, em estudos, traduções e em obras que são, ainda hoje, um extraordinário exemplo de erudição e de poesia. À Espanha e à literatura espanhola dedicou um labor tão intenso e apaixonado, em particular sobre o *século de ouro*, que,

[s]e Jorge de Sena não tivesse escrito mais obras do que aquelas que têm que ver diretamente com a literatura e a cultura espanholas – uma pequena porção da sua extraordinária obra – ele continuaria a ser, em virtude apenas dessas obras, um dos pensadores mais destacados da sua época. (Creel, 1993: 59)

Durante toda a vida, Sena viveu e defendeu um hispanismo que nada tem que ver com o iberismo tacanho e enviesado, que tantas vezes preside aos olhares sobre/entre os dois países peninsulares. Escreveu uma quarentena de textos sobre Espanha,<sup>10</sup> traduziu 17

poetas espanhóis, desde o primeiro Marquês de Santillana ou Baltazar de Alcázar, a García Lorca ou Juan Ramón Jiménez, para citar alguns exemplos (cf. Lourenço, 2007b). A Guerra Civil de Espanha é o contexto fundamental do seu único e monumental romance *Sinais de fogo*<sup>11</sup> e dos contos «A Gran Canaria» e «Os salteadores»<sup>12</sup>. A sua poesia é também testemunha do amor ibérico plasmado no consagrado verso «Que português não só de Espanha morre?»<sup>13</sup>. Esse mesmo amor por Espanha declara-o num texto sobre o seu mestre Antonio Machado<sup>14</sup>, que considera «um dos maiores poetas da minha amada pátria de Cervantes, Gracián e Menéndez Pidal» (Sena, 1994: 73).

==

<sup>11</sup> A tradução espanhola de Basilio Losada, *Señales de fuego*, foi editada em Barcelona, por Galaxia Gutenberg/Círculo de Lectores, em 1998. Publicado incompleto postumamente, em 1979, foi escrito entre os anos 1964-1967 (cf. Lourenço, 2007b: 25). Em abril de 1968, foram publicados na revista *O Tempo e o Modo* alguns excertos correspondentes à «aparição da poesia». Em 1995, o realizador Luís Filipe Rocha apresenta a adaptação cinematográfica do romance de Sena. Sobre esta obra como *Bildungsroman*, veja-se a tese de doutoramento de Jorge Vaz de Carvalho, *Sinais de Fogo de Jorge de Sena: Uma poética da formação*.

<sup>12</sup> Ambos escritos em 1961. Sobre a relação da obra de Jorge de Sena e a Guerra Civil de Espanha, veja-se Lourenço (2007b).

<sup>13</sup> Do poema «Plaza Mayor de Salamanca», datado de 1 de setembro de 1971, Salamanca. Publicado em *Exorcismos*, 1972.

<sup>14</sup> Em vários momentos da sua obra, de modo mais ou menos explícito, entrevemos um Jorge de Sena discípulo de Machado. Sobre este assunto, veja-se, por exemplo, o artigo de Cota Fagundes, «Jorge de Sena: Discípulo de Machado? Da heterogeneidade do ser e das figurações do *outro* na poesia seniana».

==

<sup>10</sup> Uma importante seleção destes textos, alguns inéditos, foi publicada em *Sobre teoria e crítica literária*.

Do ponto de vista concreto e pessoal, Jorge de Sena viajou intensamente por Espanha<sup>15</sup> e manteve amizade com professores e intelectuais espanhóis, em particular nos anos de exílio nos Estados Unidos.

Saiu do Brasil primeiro para a Universidade do Wisconsin (1965-1970), depois para a Universidade de Califórnia, Santa Bárbara (UCSB), onde, em 1975, chega a diretor do Departamento de Espanhol e Português e do Programa Interdepartamental de Literatura Comparada.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> São testemunhas destas *peregrinações*, não só a poesia, como a abundante correspondência ou os registos dos seus breves diários (cf. Sena, 2004).

<sup>16</sup> A experiência da má convivência entre hispanistas de língua espanhola e os professores de língua portuguesa (do Brasil e de Portugal) fê-lo muito crítico de um certo tipo de «hispanismos», tal como se pode ler, por exemplo, no discurso – proferido em castelhano – de abertura do VI Congresso da Associação Internacional de Hispanistas, realizado em Toronto, de 22 a 26 de agosto de 1977 (Sena, 2008: 181-200). Ou, no texto publicado no *Diário de Notícias* de 21 de janeiro de 1971, «Sobre a Espanha e sobre a Latino-América»: «Ainda há muitos portugueses que pensam que ignorar a Espanha é a melhor maneira de pagar uma tradicional ignorância – que os melhores espanhóis vão reconhecendo como estulta – com que a Espanha por longo tempo só se lembrou ou lembra da cultura portuguesa para a integrar na espanhola ou subordiná-la a ela. Esta atitude é ainda, ao contrário do que a inocência das vaidades lusitanas possa supor, a mais comum entre uma raça extravagante e internacional que dá pelo nome de “hispanistas”. Estes senhores e damas não são, em geral, espanhóis ou da América hispânica, mas criaturas que fizeram a sua capelinha, nas universidades deste mundo, à custa da Espanha e dos países da América espanhola, e que, sobretudo nos Estados Unidos da América, onde a ignorância geográfica é muito grande e se não sabe, em consequência, que o Brasil é, em área e em população, como em riqueza literária, tão grande como o resto da América do Sul toda junta, podem mesmo chegar ao requinte imbecil [...] de serem “especialistas do conto do Peru ou do romance da Nicarágua, coisa que qualquer honesto cidadão desses dois países teria vergonha de ser, por evidentemente desejar compreender-se

Enrique Martínez-López (EML), que Sena conhecera ainda no Brasil, em 1959, antes do trato mais regular em Madison, Wisconsin, durante os verões de 1966 e 1967, quando EML aí esteve como professor visitante (Martínez-López, 2007: 133), descrevia assim o pujante Departamento de Espanhol e Português na UCSB:

O nosso departamento era quase por natureza internacionalista porque a muitos nos unia formação ou experiência românica, e tanto mais que, uns pelo exílio de quem perdeu a guerra civil espanhola (A. Serrano Plaja) ou de quem se opôs ao regime de Franco (J. L. Aranguren), outros porque até aqui tínhamos emigrado vindos do México, Bolívia, Brasil, Espanha ou Argentina, e outros porque tendo nascido nos Estados Unidos, eram de pais mexicanos, ou acrescentaram à sua pátria norte-americana a emocional da cultura que aprenderam com o seu alheio espanhol ou português, todos tínhamos em comum uma noção pouco nacionalista, sem «empáfia patriotería», do que é ser peninsular ou natural das Américas de ambos lados do Rio Grande. (2007: 134)

É na UCSB que convive intensamente com Arturo Serrano Plaja (San Lorenzo do Escorial, 1909-Santa Bárbara, 1979), que chegara à Cali-

---

num contexto mais amplo]» (p. 159). Sempre bastante incisivo, Sena reconhecia a sua autoridade para criticar por ser «um dos raríssimos portugueses-natos a ter sempre pugnado por essa aproximação [a Espanha] [...] e entre esses raríssimos não haverá muitos que conheçam e estimem, na sua história e na sua cultura, na sua terra e na sua gente, a Espanha tanto como ele» (p. 178).

fórnica em 1967, depois de anos exilado, deambulando entre o Chile e a Argentina, antes da longa estadia em Paris. Santa Bárbara, «uma concha de montanhas, com vista para o mar», como me descreveu Mécia de Sena, foi, enfim, o lugar aprazível onde *ficar*, tal como atesta o papel desempenhado por Santa Bárbara na sua obra poética e narrativa.<sup>17</sup>

Confirma-o também o testemunho de Antonio Sánchez Barbudo<sup>18</sup> (Madrid, 1910-Palm Beach, 1995) em carta a Dionisio Ridruejo (1912-1975), datada de 30 de janeiro de 1969, Madison: «Querido Dionisio: [...] Arturo, que como sabes está ali (Serrano Plaja, digo) andou mal, mas já está recuperado, comprou casa, está muito contente neste clima paradisíaco...» (*apud* Gracia, 2007: 481).

Nessa mesma carta, Sánchez Barbudo conta a Ridruejo sobre a saúde de Jorge de Sena, com os detalhes e o tom de uma conversa entre amigos sobre outro amigo:

[...] Sena andou pela Europa, apareceu em Portugal, não o deixavam entrar, mas por fim «o próprio Caetano» deu ordem para que pu-

desse entrar.<sup>19</sup> Aproveitou para ser operado aos seus transtornos estomacais, com um amigo, em Lisboa, e há uns dias partiu para Lisboa, para estar com ele na operação, a mulher. Ontem recebemos aqui a notícia de que parece que a operação correu... não sei se sabias de tudo isto. (p. 481)

Na UCSB, também estava naquela época José Luis López Aranguren (Ávila, 1909-Madrid, 1996), exilado em 1965, depois de, pelos seus crescentes confrontos com o regime, ser expulso da cátedra de Ética e Sociologia da Universidade de Madrid, que tinha obtido por concurso, em 1955.<sup>20</sup> Em carta ao amigo, o crítico e historiador de arte José-Augusto França, Jorge de Sena anuncia a sua chegada ao mesmo *campus* (UCSB) onde já se encontrava Aranguren, referindo-se a ele como «outro dos bons»:

==

<sup>19</sup> Fazenda Lourenço (2007a) descreve esta mesma situação, acrescentando que «[a] Censura autoriza o relato do sucedido como um “equivoco de fronteira”» (p. 184). Este episódio é contado pelo próprio Sena no seu diário da viagem que empreendeu por vários países da Europa, entre 5 de setembro e 22 de dezembro de 1968 (2004: 259-260).

<sup>20</sup> É, obviamente, um exílio muito distinto do exílio de 1939. Partindo da constatação das *andanças* pelo estrangeiro de Dionisio Ridruejo, Jordi Gracia (2007) escreve: «A diáspora dos antigos vencedores do grupo de Burgos está já consumada: diáspora ideológica, política e geográfica. Não é da mesma natureza do exílio em sentido pleno de 1939, mas é sem dúvida um exílio desde meados da década dos anos sessenta e ao longo dos setenta. Porque o grupo nuclear de Burgos já não está em Madrid instalado nem assentado, mas ao contrário; vivem a expulsão ou a renúncia como atos incontornáveis de consciência, tanto porque a sua implicação em atos de oposição conduz à condenação repressiva do regime, como também porque as reservas de resignação e paciência, de consentimento amargo, se esgotaram» (p. 388).

<sup>17</sup> Vejam-se os versos finais do poema «La goma de borrar. El pasado imborrable», de *Papeles de Son Armadans*, 1970, onde o lugar de nascimento se funde com o lugar de *chegada* «y mañana que es hoy / que ya casi es ayer con pintas verdes / me voy quedando solo / con un bosque con menos / con unos cuantos álamos oscuros / del escorial / de california».

<sup>18</sup> Veja-se a revista *Anthropos*, n.º 149, de 1993, dedicada a Antonio Sánchez Barbudo.

Madison, Wis., USA, 2 de maio de 1970  
Meu caro José-Augusto,  
[...]  
[...] Já te encontraste com ou meu grande amigo Dionisio Ridruejo que deve estar a instalar-se em Lisboa para onde vai dirigir um serviço alemão de rádio europeia? É um dos bons espanhóis de hoje. Na Califórnia, terei como colega de departamento no «campus» para onde vou, outro dos bons, o Aranguren. Nestes últimos anos, o meu hispanismo de sempre não tem feito senão aumentar – e em breve publicarei um artigo sobre a história de Portugal como parte do complexo ibérico...  
[...] (Sena e França, 2007: 311)

Deste breve excerto devemos reter outras duas informações importantes, as quais mereceriam um olhar mais atento do investigador: a relação próxima de que há tantas pistas soltas entre Jorge Sena e Dionisio Ridruejo<sup>21</sup> e novamente a declaração de Sena como hispanista dedicado à *sua* Espanha (cf. Sena, 2004: 167).

Como já referimos, a dedicação de Sena às literaturas portuguesa e espanhola é o trabalho

---

<sup>21</sup> Essa proximidade pode também constatar-se nos apontamentos do diário dos dias em Madrid (incluídos na longa viagem pela Europa que já referi), em dezembro de 1968, em que Sena regista as chamadas telefónicas para a casa de Ridruejo (que, afinal, se encontra ausente em Alicante), perguntando pela eventual chegada de correspondência em seu nome (cf. Sena, 2004: 255 e segs.). Será, seguramente, uma linha de investigação interessante e proveitosa procurar os ecos da amizade entre Ridruejo e Sena, cujo início, na biografia de Ridruejo *resgatada* por Jordi Gracia, se situa no Wisconsin, 1968: «no departamento conhece um particular e excelente escritor com entrada vetada no Portugal de Salazar, Jorge de Sena» (Gracia, 2008: 276).

de uma vida que o poeta e crítico só entende numa perspetiva comparatista, de integração mútua num âmbito peninsular considerado em contexto europeu.<sup>22</sup> A partir da distância geográfica americana, manterá a Península Ibérica no centro das suas preocupações críticas, não só no que respeita ao estudo concreto das obras, como à consciência do lugar do *hispanismo* enquanto disciplina no contexto académico dos Estados Unidos.<sup>23</sup>

E o luminoso olhar de Jorge de Sena não se dedicou apenas ao *glorioso* passado das Letras,

---

<sup>22</sup> No já citado discurso de 1977, «Hispanismos: Arquipélago de glórias e vaidades no mar-oceano da ignorância universal», Jorge de Sena atreve-se a propor a aprendizagem de todas as línguas peninsulares românicas e não apenas do castelhano: «Sem dúvida que já é tempo de os hispanistas começarem a aprender as outras línguas nacionais que correspondem ao seu próprio campo de estudo, ou pelo menos que lutem contra o bloqueio psicológico de inveterado orgulho de outros tempos, que os ensurdece sempre que essas línguas se falam diante deles. Além do mais, o português, o catalão, ou o galego, não são tão difíceis para gente que costuma conhecer já o francês ou o italiano, e até o romeno. E, com o devido respeito para o País Basco, não estou pedindo aos hispanistas, confinados às suas línguas latinas, que estudem o basco» (p. 183).

<sup>23</sup> Os textos de Sena são um lúcido contributo para as definições de *hispanismo* e de *hispanista*, que se forjam privilegiadamente nos departamentos de *Spanish and Portuguese* das universidades americanas, sobretudo ao longo do século xx, com a chegada de tantos espanhóis exilados da Guerra Civil que passavam a integrar as listas de docentes, criando outra Espanha: «Quem, sendo ibérico, vive no estrangeiro sabe muito bem a que extremos ela [a lenda negra] vai, *a menos que*, como sucede a muitos hispanistas de origem espanhola, *se seja capaz de viver décadas nos estrangeiro, sem uma pessoa se dar conta de que não está em Espanha, e que o mundo em volta não fala na verdade espanhol*» [sublinhado meu] (Sena, 2008: 176). Sobre o hispanismo em Sena, veja-se a interessante, mas pouco aprofundada, reflexão de Bryant L. Creel: «Jorge de Sena e o hispanismo de visão ampla». Sobre o interesse de Sena por Espanha e os seus poetas, veja-se também o já citado artigo de Fazenda Lourenço (2007b).



mas também àquilo que conheceu e chamou *Diáspora gloriosa*. É num texto datado de maio de 1968 e publicado em Portugal, no *Diário Popular*, de 1 de junho de 1978 – três dias antes da morte do poeta em Santa Bárbara –, que Sena mais amplamente reflete sobre o exílio literário espanhol. O pretexto é a atribuição, no ano anterior, do Nobel da literatura ao poeta Vicente Aleixandre. A este respeito, Sena (2008) discute as vicissitudes históricas que levaram a que o Nobel fosse dado a um dos que *ficara* em Espanha, «estando vivos Jorge Guillén ou Rafael Alberti» (p. 217). Segundo o autor, depois de ter dado o Nobel a Juan Ramón Jiménez, em 1956, ao premiar Aleixandre, a Academia sueca quis premiar os que ficaram em Espanha, quis premiar a transição, transformando o poeta sevilhano em «metáfora dos complexos de culpa de um povo e dos hispanistas» (p. 218) que pactuaram com o franquismo.

Embora Jorge de Sena considere Vicente Aleixandre «bondoso e simpático» (p. 214), «por tantos anos digno representante da poesia ficante» (p. 217), o autor escandaliza-se com aquilo que considera uma decisão estratégica da Academia Nobel, como compensação pelo prémio dado anteriormente a um exilado, sem deixar também de comentar o que chama o «descaso insultuoso conferido pela sucada académica à língua portuguesa» (p. 219).

Diante do que foi a «incrível e tão hispanicamente teatral e grande dignidade dos “exi-

lados”», Jorge de Sena declara *sem equívocos* «que o *conto* não se aplica a Vicente Aleixandre» (p. 221).

Segundo o autor, essa é a diferença entre os que ficaram na Espanha de Franco e os que tiveram de partir, em 1936-1939 ou durante os anos da ditadura, que Sena ironicamente plasma no título «Aleixandre ou o Prémio Nobel aos insignes-ficantes».<sup>24</sup> O jogo de palavras com o adjetivo «insignificantes» demonstra claramente o juízo do autor sobre a qualidade da literatura espanhola dentro – os *insignes ficantes*, representados por Aleixandre – e fora de Espanha – os da *nobre Espanha do exílio*.

Se outros textos e outras «provas» não houvesse sobre o conhecimento e a admiração de Sena por Espanha, o presente ensaio bastaria para tirar qualquer dúvida. Em 20 escassas páginas, Jorge de Sena nomeia 45 poetas e intelectuais espanhóis e hispano-americanos,<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Assim define Sena (2008) os propósitos da sua exposição: «Antes de entrar, pois, na importante e curiosíssima matéria sociopolítica deste artigo, há que acentuar que eu, no título, não pretendo diminuir Aleixandre para menos do que ele é, muito menos insinuar que ele é um *insignificante*. O que eu quero é chamar a atenção para o que tudo isto, com a escolha dele, suecamente significou, e efetivamente significa em relação à própria Espanha. [...] Para elucidação dos leitores interessados, tratemos de resumir duas coisas – qual era o estado da poesia, em Espanha, no primeiro quartel deste século, e que significa realmente Geração de 1927, para vermos onde é que esta gente se situa. O como foi que “desapareceram”, em consequência da Guerra Civil de 1936-39, é o dado seguinte de que necessitamos imediatamente depois» (p. 206).

<sup>25</sup> Para se ter uma consciência clara da amplitude da lista comentada por Sena, apresentam-se os nomes citados:

opinando sobre as suas obras ou a sua biografia, conduzindo-nos numa viagem especial através das gerações literárias de 98 e de 27, em particular, estendendo a análise a escritores de língua portuguesa ou outras, ao diálogo com a América hispânica, e comentando também, sempre na perspetiva comparatista que era a sua, a evolução política das ditaduras à democracia.

Neste texto, Jorge de Sena documenta também a sua relação pessoal com Ramón Martínez-López (RML) (A Corunha, 1907-Santiago de Compostela, 1989), que terá conhecido em Lisboa, antes de exiliar-se no Brasil,<sup>26</sup> e com

==

Américo Castro, Angel Gavinet, Antonio Machado, Azorín (José Martínez Ruiz), Blas de Otero, Blasco Ibañez, Borges, Carlos Bousoño, Dámaso Alonso, Dionisio Ridruejo, Echegaray, Gabriel Celaya, Gabriela Mistral, García Lorca, Gerardo Diego, Góngora, Guillermo de Torre, Gustavo Adolfo Bécquer, Jacinto Benavente, Joaquín Entrambasaguas, Jorge Guillén, José Herrero, José Hierro, Juan Larrea, Juan Ramón Jiménez, Leopoldo Alas Clarín, Lope de Vega, Luis Cernuda, Manuel Machado, Miguel Asturias, Miguel de Unamuno, Miguel Hernández, Pablo Neruda, Pedro Salinas, Rafael Alberti, Ramón do Valle-Inclán, Ramón Gómez da Serna, Ramón Martínez-López, Ramón Menéndez Pidal, Ramón Pérez de Ayala, Rosalía de Castro, Rubén Darío, Sánchez-Albornoz, Vicente Aleixandre, Vicente Huidobro.

<sup>26</sup> No ensaio que citámos, Jorge de Sena (2008) situa a tertúlia com RML no «extinto *Chave de Ouro*» (p. 221). Este famoso café no *Rossio lisboeta* fechou definitivamente as portas em 1959, razão pela qual situamos a amizade entre os dois antes da saída de Sena para o exílio. RML tinha chegado a Lisboa em 1933, depois de, em 1932, ter conseguido uma vaga como catedrático de Língua e Literatura no Instituto Espanhol de Lisboa (IEL), o primeiro centro de ensino espanhol no estrangeiro que, durante a República, funcionava também com objetivos eminentemente culturais. Durante vários anos, RML foi um interveniente ativo na vida cultural de Lisboa. No dia 5 de abril de 1937, Eugenio Montes, o novo diretor do Instituto, agora às ordens do Governo de Burgos [sede do governo da Espanha franquista, durante a guerra civil], escreve um ofício para Burgos expulsando das funções e proibindo-os de «de-

quem manterá relações no exílio nos Estados Unidos. Sena conta os encontros de Martínez-López com a mãe na ponte fronteiriça de Valença do Minho, já que RML não quis nunca (não podia?) pôr o pé na Espanha franquista, e considera-o «como o nobilíssimo e comovente símbolo de um povo que sempre soube – lado a lado com tanta miséria – como é que a grandeza se vive e se faz» (2008: 221). O relato de Jorge de Sena sobre RML é um exemplo do que disse no início: o que permanece é a memória – a história que se recorda –, independentemente das razões objetivas dos factos.

Voltemos a Santa Bárbara. O convívio entre Sena e Serrano Plaja, bem como entre Sena e Aranguren, foi profissional e pessoal. Quotidiana e familiar, não há provas físicas conhecidas da relação entre eles no espólio de Jorge de Sena. A viúva, Mécia de Sena, comprometida editora da sua obra e fiel depositária de sua memória, testemunha uma relação direta e constante, num grupo que se reunia em tertúlias de que as lembranças da guerra civil não estavam ausentes. Por aí também passaria amiúde Dionisio Ridruejo, coincidindo com as estadias como professor convidado nas universidades do Wisconsin e do Texas. «Dávamo-nos muito, muito bem», recorda Dona Mécia.

==

sempenhar qualquer função no novo Estado Espanhol» os professores RML, Antonio Terol Hernández, Luis Falcó Gimeno e Agustín Sala Sala. Este e outros documentos foram recuperados pelo IEL para a comemoração do 75.º aniversário da sua fundação e podem ser consultados no catálogo preparado pelo Instituto (Chica, 2008).

Olhando para trás, ficamos com alguma pena que, sendo tão próxima essa relação entre eles, a nós nos seja distante e algo diáfana, sem a testemunha epistolar ou fotográfica que provavelmente existirá, mas que precisaria de ser descoberta. Ainda é necessário ler as cartas guardadas, abrir de novo os livros das bibliotecas de cada um e procurar nas dedicatórias o registo dessa contemporaneidade, dessa amizade e da partilha da experiência de intelectual afastado da pátria por imposição do destino ou por decisão de consciência.

A história de Espanha do século XX fez-se também em lugares distantes. Victor Fuentes (Madrid, 1933), professor emérito da UCSB, exilado de Espanha,<sup>27</sup> prófugo do exército de Franco em 1954, conta-nos com emoção essa história concreta: «Guardo uma imagem memorável, simbólica da reconciliação das duas Espanhas, vendo Serrano Plaja e Araguren passeando de braço dado pelo *campus* de Santa Bárbara, unidos pela amizade» (2009: s. p.).

Sobre a sua própria experiência e a relação com Jorge de Sena, diz-nos:

Creio que por isso [por ter fugido da Espanha de Franco], embora eu pertencesse à quase não existente ala radical do Departamento [de Espanhol e Português], e tenha estado bastante marginalizado naqueles anos, dom

Jorge sentiu simpatia e, finalmente, carinho por mim: uma corrente de exilado a exilado, pela qual eu também o admirava a ele. [...]

Eu estive um pouco afastado, por razões políticas (vivíamos nos anos auge da guerra do Vietnam e do 68), de esse grupo, mas, sim, admirei-o, e com os anos foi crescendo em mim carinho por dom Jorge. Creio que ele, tal como Araguren, estenderam uma asa protetora sobre mim, e apreciei muito, naquele tempo da guerra fria e do Vietnam, a atitude compreensiva, tolerante, de dom Jorge, e como estava aberto às causas das minorias no país e às de libertação nacional nos países de África, quando os outros colegas tinham «alergia» a estes temas. Isso unia-nos [...]. Dom Jorge também era muito apreciado pelos poetas daqui e lia com eles em alguns atos públicos. E é claro que me unia a ele o seu interesse e conhecimento da literatura clássica espanhola, e por uma Espanha livre da ditadura, como Portugal. Celebramos as duas libertações e isso uniu-nos mais. (2009: s. p.)

Não sendo de um exilado de 1939, o testemunho de Victor Fuentes situa-nos no ambiente emocional que rodeava os exilados em Santa Bárbara durante aqueles anos e é uma prova mais do singular perfil humano e intelectual de Sena.

Os nomes aqui referidos são só alguns dos exilados espanhóis com quem Jorge de Sena se cruzou nos Estados Unidos.<sup>28</sup> Deveríamos

---

<sup>27</sup> Refugiado em França entre os anos 1938-1939, foi repatriado em 1939. Chegou a Nova Iorque em 1956, onde se doutorou em 1964. Chegou à UCSB em 1965.

---

<sup>28</sup> Andrés Rodríguez Ramón (Almería, 1896-Santa Bárbara, 1969), cônsul em Manila (1933-1938) e da República Espanhola em Jerusalém (1938-1939), esteve também em

continuar a procurar e a rastrear esses contactos, porque podem ajudar a reconstituir a vida intelectual no exílio e o diálogo estabelecido entre portugueses e espanhóis que, quis a história ou ordenou o acaso, tiveram de afastar-se da pátria no mesmo momento e por causa da mesma tragédia de décadas, embora representada pelos nomes diferentes de Salazar e Franco.

Said lembra-nos que a moderna cultura ocidental é, em grande parte, obra de exilados, emigrados e refugiados. A vida e a produção intelectual, académica, estética e científica dos Estados Unidos são exemplo desta realidade (2000: 173). Mas também o é a história, feita memória, do exílio espanhol de 1939.

## Bibliografia

### *Impressa*

Assman, J. (2007). *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*. Verlag C.H. Beck. Munique.

Carvalho, J.V. de. (2010). *Sinais de fogo de Jorge de Sena: Uma poética da formação*. Tese de Doutoramento em Estudos de Cultura. Universidade Católica Portuguesa. Lisboa;

Chica, A. (Coord.) (2008). *Catálogo 75 Aniversario. 1933-2008*. Instituto Español de Lisboa “Gíner de los Ríos”. Lisboa;

Creel, B.L. (1993). Jorge de Sena e o hispanismo de visão ampla. *Anthropos*. **150**: 59-62;

==

Santa Bárbara, no Departamento de Espanhol e Português, antes de aí chegar Jorge de Sena. Será seguramente interessante continuar a investigar sobre o papel dos Estados Unidos e, em particular, das universidades norte-americanas como lugar de confluência de tantos caminhos geográficos e pessoais distintos.

Clímaco, A.C. (1998). *L'exil politique portugais em France et en Espagne: 1927-1940*. Tese de Doutoramento em História. Université Paris 7. Paris;

Fagundes, F.C. (2007). Jorge de Sena: Discípulo de Machado? Da heterogeneidade do ser e das figurações do *outro* na poesia seniana. *Aula Ibérica: Actas de los congresos de Évora y Salamanca (2006-2007)*. Ediciones Universidad de Salamanca. Salamanca. pp. 385-398;

Fuentes, V. (2009). Testemunho escrito à autora deste trabalho. Mensagens datadas de 10 e 11 de novembro;

Gracia, J. (2007). *El valor de la disidencia: Epistolario inédito de Dionisio Ridruejo. 1933-1975*. Planeta. Barcelona;

Gracia, J. (2008). *La vida rescatada de Dionisio Ridruejo*. Anagrama. Barcelona;

Gullón, R. (1969). La generación de 1936. Em: *La invención del 98 e otros ensayos*. Editorial Gredos. Madrid;

Liñares Giraut, X.A. (2007). *Ramón Martínez López*. TresCtres Editores. A Coruña;

Lourenço, J.F. (2007a). Jorge de Sena: Cronologia. *Relâmpago*. **21**: 179-185;

Lourenço, J.F. (2007b). Jorge de Sena e a Guerra Civil de Espanha. Em: J.F. Lourenço e I.E. Vieira (orgs.). *Guerra Civil de Espanha: Cruzando fronteiras 70 anos depois*. Universidade Católica Editora. Lisboa;

Lourenço, J.F. (2009). Jorge de Sena e o Portugal disperso. Em: J.F. Lourenço e F.C. Fagundes (orgs.). *Jorge de Sena: Novas perspectivas, 30 anos depois*. Universidade Católica Editora. Lisboa;

Martínez-López, E. (2007). Jorge de Sena, professor of Portuguese and Comparative Literature, UCSB, 1970-1978. *Relâmpago*. **21**: 133-139;

Paulo, H. (2009). O exílio português no Brasil: Os «Budás» e a oposição antissalazarista. *Portuguese Studies Review*. **14** (2) (2006/7): 125-142;

Said, E.W. (2000). *Reflections on exile and other essays*. Harvard University Press. Harvard;

Sánchez Barbudo, A. e Aranguren, J.L.L. (coords.). (1985). *Homenaje a Arturo Serrano-Plaja*. Taurus. Madrid;

Sena, J. de. (1972). *Exorcismos*. Moraes. Lisboa;

Sena, J. de. (1977, 21 de maio). Xorge de Sena, escritor português, em Salamanca: «La Guerra Civil espanhola fue para nosotros un cambio tremendo [...]». Entrevista a Ignacio Moneo. *El Adelanto*, p. 3;

Sena, J. de. (1980, 29 de abril). Ser-se emigrante. *Diário de Notícias*, pp. 17-18;

Sena, J. de. (1994). Sobre Antonio Machado [1957]. Em: *O dogma da trindade poética (Rimbaud) e outros ensaios*. Edições Asa. Porto;

Sena, J. de. (2001). *Poesia do século xx: de Thomas Hardy a C.V. Cattaneo*. Edições Asa. Porto;

Sena, J. de. (2004). *Diários*. Caixotim. Lisboa;

Sena, J. de. (2008). *Sobre teoria e crítica literária*. Caixotim. Porto;

Sena, J. de e França, J.-A. (2007). *Correspondência*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa;

Silva, D.M. da. (2006). *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro: 1956-1974*. Imprensa de Ciências Sociais. Lisboa;

Vieira, I.E. (2010). Jorge de Sena y el exilio literario español. Em: A.F. Insuela, C.M.A García, M.M.-C. Rojo e M.R. Corrada (eds.). *Setenta años después: El exilio literario español de 1939*. KRK. Oviedo.

### *Digital*

Academic Senate. (1970). Andrés Rodríguez Ramón, Spanish and Portuguese: Santa Barbara. Em: *1970, University of California: In memoriam*. Acedido a 5 de novembro de 2009, no Web site da: University of California: <http://content.cdlib.org/view?docId=hb629006wb&doc.view=frames&chunk.id=div00033&toc.depth=1&toc.id=&brand=calisphere>;

Instituto Espanhol de Lisboa: <http://www.institutoespanhollisboa75.com/>. Acedido a 3 de novembro de 2009;

Zuleta, E. de. (2002). *Espanhóis em Argentina: El exilio literario de 1936*. Acedido a 4 de novembro de 2009, no Web site da: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmccr5s2>.